



## Sessão 35 | 2-setembro-2025 | SUPERHOMEM – O FILME (1978)



Um ponto no espaço avança em direcção aos espectadores. Nas ruas de Nova Iorque os transeuntes param, olham o céu, e exclamam: “It’s a bird... it’s a plane... it’s Superman!” (É um pássaro... um avião... é Super-Homem!).

É também Christopher Reeves, envergando o lendário “colant” azul e vermelho, que, por meio das mais sofisticadas trucagens (desde voar preso por arames invisíveis, até ser substituído por um pequeno boneco manejado à distância), se passeia, a loucas velocidades, por sobre as cabeças dos nova-iorquinos estupefactos.

Com os dois braços dirigidos para a frente, rompendo o ar, Superman aí vai em direcção ao crime. Os americanos sabem-no e respiram tranquilamente.

Alguém vela por eles, Christopher Reeves flexa um braço para a direita, mete a mudança, muda de rumo. Estamos no domínio do fantástico. É Superman, o herói, a estrela de cinema. É “Superman - The Movie” (Superman - o filme). O mais caro filme de toda a história do cinema. Pelo menos durante alguns meses, o “record” de 35 milhões de dólares garante esse máximo, que em números portugueses (e pese embora a desvalorização do escudo), dá qualquer coisa como perto de dois milhões de contos. Calculam o que seja?

Marlon Brando, para aparecer durante os primeiros dez minutos de projecção, pediu, e cobrou, três milhões e setecentos mil dólares. Uma aparição a peso de ouro, bem se pode dizer. Bem se pode também saborear o requinte da sua interpretação, o branco cabelo platinado, o sumptuoso “décor” de cristal, onde decorre o conselho dos anciões, de que faz parte Jor-El, cientista, pai de Superman. São dez minutos de antologia, no domínio do fantástico e do maravilhoso. Depois, Krypton, o planeta donde é originário Superman, explode no espaço, e com ele Marlon Brando. Mas o fascínio de “Superman - o filme”, esse permanecerá.

Expulso de Krypton no interior de um cometa, Superman irá aterrar numa planície americana. A criança que sairá de dentro do meteorito é recolhida por um casal de camponeses, que, segundos depois, perceberá que acaba de albergar um ser com poderes extraordinários, vindos de outro planeta. “Encontro imediato”, portanto, “de terceiro grau”, o que John Williams, o autor da partitura musical de ambos os filmes, não deixará aqui de subtilmente sublinhar, insinuando discretamente as notas que tornam célebre a “nave”. E a criança cresce, levantando carros com um dedo, correndo ao lado de comboios, multiplicando os seus poderes, mas sempre secretamente, a sós. Na vida diária, o seu nome será Clark Kent, estudante pouco dado a desportos, depois jornalista de reduzida coragem, muita timidez, miopia, pouca inteligência. Dir-se-ia o cidadão médio, aquele que melhor se irá identificar com a figura e com a sua duplicidade.

O americano - e não só! - aprisionado na teia de um emprego de funcionário público, tolhido pelas ameaças externas, temeroso e frustrado, descobre, no outro lado de Klark Kent, em Superman, o sonho utópico da sua vida, a virilidade ignorada, a paixão esquecida, as grandes causas desprotegidas.

Desconhecido no cinema, Christopher Reeves ganhou este papel em disputa com centenas de outros candidatos. A estatura atlética, a configuração do rosto, sobretudo o queixo quadran-gular, e o à vontade com que se movimentara frente à câmara obrigaram a escolha. Para interpretar o papel de Clark Kent-Superman, Christopher Reeves ganharia também qualquer coisa como duzentos e cinquenta mil dólares. E um contrato obrigando-o a continuar com a figura, certamente com verbas bem mais elevadas.

Criado em 1938 por uma dupla de americanos, Jerry Siegel e Joe Shuster, “Superman” é a mais antiga criação de super-homem em banda desenhada, nos Estados Unidos. Proveniente de um planeta que desaparece entretanto, Superman é um ser dotado de uma força prodigiosa, podendo voar, e possuindo ainda uma quantidade de outros poderes nada desprezíveis, como por exemplo uma “super visão de raios X”, a emissão de raios caloríficos que vão até à fusão da rocha ou do metal, podendo não só viajar no espaço, mas também no tempo. Todas estas invejáveis características ele as coloca ao serviço da Verdade, da Justiça e da “american way of life”.

Tendo surgido pela primeira vez numa época em que o mundo se encontrava ameaçado pela agressividade bélica nazi, Superman iniciou desde logo a sua campanha patriótica em favor das razões dos “Aliados”, logo, da América. Num momento de ira, perante os “comics books” que diariamente surgiam em toda a imprensa americana e europeia, Goebbels teria mesmo chegado a invectivar o herói em plena reunião do Reichstag: “Esse Superman é judeu”! O que dá bem ideia do poder de penetração desta banda desenhada no meio dos “mass media”.

Perseguidor de criminosos de delito comum, protector de pobres e desprotegidos. Superman, como todos os super-heróis das histórias em quadrinhos, encontra normalmente pela frente supervilões de poderes igualmente desmedidos, como é o caso de Lex Luthor, o imperador do crime, que vive no interior da terra, rodeado de fiéis servidores e belas mulheres fatais. Ele pretende desviar para San Andreas, na costa da Califórnia, alguns engenhos nucleares, que, ao explodirem, demonstrarão o seu poder e prostrarão diante de si os governos de todo o mundo, Gene Hackman, Ned Beatty e Valerie Perrine compõem a trindade do crime, que mais uma vez não compensa, escusado será dizer. Apesar de Superman conhecer igualmente o seu calcanhar de Aquiles e, por via disso, as suas reveses. Na verdade, Superman é vulnerável aos raios de uma substância vinda igualmente do planeta Krypton, a kryptonite, que Lex Luthor consegue arranjar para usar no momento decisivo.

Em banda desenhada, a figura de Superman não é, todavia, das nossas personagens favoritas. Se bem que seja de referir a originalidade e invenção dos argumentos, o recorte da figura, por vezes mesmo a qualidade plástica do desenho, o seu movimento e força expressiva, por outro lado não é menos evidente a posição moral e social do herói, denunciando uma mentalidade conservadora, puritana e de um maniqueísmo extremo. No filme de Richard Donner, com argumento escrito e reescrito por várias vezes, primeiramente por Mário Puzo (“O Padrinho”), depois por David Newman, Leslie Newman e Robert Benton, Superman é olhado com uma ironia e um sentido do espectáculo e da diversão que nos reconciliam com a figura. Tudo é visto pelo prisma da fantasia, e as referências obrigatórias, como a redacção do “Daily Planet”, em Metropolis, ou o lema de Superman (“pela Verdade, pela Justiça, à maneira americana”) não deixam de ir suficientemente sublinhadas para o humor se encarregar de as situar no seu devido contexto.

“Superman - o filme” é um pouco da infância de todos nós que regressa, pela magia do cinema que torna os sonhos substância, pela competência e talento de uma equipa técnica que faz da substância sonho e fantasia. No campo em que obviamente se situa “Superman - o filme” pode bem considerar-se uma obra-prima. Do cinema espectáculo, do cinema diversão. De um espectáculo vestido com as cores sedutoras de uma certa mitologia romântica, desenvolvendo-se num clima de bonomia e optimismo contagiantes. O cinema redescobre a sua inocência. Ou somos nós que ainda conseguimos ver nele refletida a nossa? “Superman - o filme” sabe bem. Apetece. Operação de marketing bem planeada?

Sim, mas também o talento conjugado de muitos artífices e a magia de uma aventura como há muito se não via. Este “Superman” é o Tom Mix dos anos 70, cortejando por entre galáxias Lois Lane, a jornalista. É o outro lado de “Mary Poppins”, a continuação de “Peter Pan” (que, aliás, o filme indirectamente referencia), um rival do “Homem-Aranha”, a quem carinhosamente destrói com uma piada de antologia. Deixe, pois, os preconceitos e a falsa erudição à porta do cinema e venha divertir-se com “Superman - o filme”. Como as crianças.

*Lauro António, in “DN”, 1979*

**SUPERMAN – O FILME** | **Título original:** Superman- the Movie | **Realização:** Richard Donner (EUA, Inglaterra, 1978)

**Argumento:** Mário Puzzo, David Newman, Leslie Newman e Robert Benton; Consultor criativo: Tom Mankiewicz; Fotografia (Technicolor, Panavision): Geoffrey Unsworth; Música: John Willams; Montagem: Stuart Baird; Produtores: Ilya Salkind e Pierre Spengler; **Com:** Marlon Brando (Jor-El), Gene Hackman (Lex Luthor), Christopher Reeves (Clark Kent-Superman), Harry Andrews (Ansião), Ned Beatty (Otis), Jackie Cooper (Perry White), Sarah Douglas (Ursa), Glenn Ford (Jonathan Kent), Trevor Howard (Ansião), Margot Kidder (Lois Lane), Marc McClure (Jimmy Olsen), Jack O'Halloran (Non); Valerie Perrine (Eve), Maria Schell (Vond-Ah), Terence Stamp (General Zod), Susannah York (Lara).; Distribuição: Mundial Filmes; **Duração:** 143 minutos; Classificação etária: M/12 anos; Estreia em Portugal: cinemas Império (Lisboa), Trindade (Porto) e Avenida (Coimbra); 23 de Março de 1979.